



Educação e Religião

Education and Religion

Sonia Itoz

Graduação em Filosofia e Teologia; Mestre em Educação - Psicologia da Educação - PUC/SP; Coordenadora de Ensino Religioso e Pastoral Escolar Colégio Emilie de Villeneuve/SP; Consultora de Ensino Religioso e Pastoral Escolar da Rede Salesiana de Escolas. soniadeitoz@gmail.com

RESUMO: Nesta explanação, buscamos colocar em pauta um cenário de educação e de religião, entendendo-os como espaço sociocultural significativo e determinante para o processo de constituir o humano e de este produzir história e desenvolver cultura. Educar abrange a complexidade do indivíduo e das sociedades. Por isso que também é necessário conceber conhecimentos que busquem entender as religiões elaboradas, e inerentes ao ser humano, e perceber como estas desencadeiam, no interior da história humana, atribuições de sentidos e significados para o existir, ao mesmo tempo em que referendam as ações políticas, éticas, econômicas e morais que se colocam para as pessoas e grupos. O que buscamos é uma compreensão e leitura que abrangem o aspecto da educação e da religião, sabendo-os patrimônio sociocultural humano construído, o que também justifica o trabalho com o componente curricular Ensino Religioso escolar. É necessário, para isto, desencadear uma reflexão que compreenda a educação como processo formativo, que contempla de forma crítica o desenvolvimento do indivíduo e do cidadão, e que promove e instaura a tolerância com o diferente, o respeito à diversidade e a responsabilidade social para com o outro e com a realidade vivida.

Palavras Chave: Educação; Religião; Ensino Religioso.

ABSTRACT: In this paper we try to discuss education and religion, which are conceived as a meaningful sociocultural space determined by a process in which the human being is built and where he produces history and develops culture. Educating encompasses the complexity of both society and individuals. Hence it is also necessary to conceive a knowledge rendered into an instrument able to understand or analyze the created religions, which are inherent to the human being, and to perceive how religions initiate, inside human history, the assignation of meanings to the very existence, and how they sustain or countersign political, ethical, economical, and moral actions undertaken inside the social group. We are looking for an understanding that includes education and religion, taking them as a constructed human sociocultural heritage, which justifies the work with the school religious education curriculum component. Then, it is necessary to develop a reflection that take education as a forming process, which includes a critical analyze of the development of the abilities required for the person to be fulfilled as both an individual and a citizen, and that promotes and introduces the tolerance to the different, the respect for diversity, and the social responsibility with the others, as well as with the reality in which one lives.

Keywords: Education; Religion; Religious Education.

Introdução

Educação e religião, aspectos do fazer-se humanidade, são elementos constitutivos da formação de um povo e de atuação concreta na transformação ou manutenção e no desenvolvimento ou perpetuação das sociedades e de suas organizações. Historicamente, tornaram-se dois agentes sociais, que têm força e influência na formação de uma sociedade, ao colocarem-se como a ação que (re)cria costumes, hábitos, moral, ideologias, aspectos estes intrínsecos à formação de um povo. No entanto, o próprio fato de se constituírem, educação e religião, como organizações socioculturais com uma determinada e específica função social, faz com que a atuação de ambas seja de “modificadoras” da(s) sociedade(s). Mas, também o sabemos com toda a certeza que as mudanças não se dão e nem acontecem de forma homogênea ou harmoniosa, o que, por consequência, faz com que exista um universo de diversidades e de adversidades políticas, sociais, culturais, morais e religiosas, entre outras.

Reportando-nos ao processo histórico da humanidade, constatamos concretamente que religião e educação não se constituíram independentes ou de forma separada, formal e antagônica. Exatamente ao contrário, em determinadas situações da história dos povos, a existência de uma dependia fundamentalmente da outra. Há, assim, uma demanda de elementos históricos reais e concretos que compõe o processo de perpetuação de um povo, de uma identidade e da história da humanidade e que são conferidos tanto pela educação quanto pela religião. Logo, ambas têm um papel fundamental no desenvolvimento de uma nação, tendo como consequência a delimitação ou a expansão do processo evolutivo do espírito humano.

É possível perceber ainda, na concretude da história humana, que a complexidade das estruturas e modelos socioculturais, que constituíram as sociedades, não se configurou sem o papel destas duas organizações humanas, ou seja, a presença e a atuação da educação e da religião sempre foram de fundamental importância. À educação é conferida a função social de dar ciência, aos que são socializados, ou introduzidos no grupo, do conhecimento elaborado e de reconstituí-lo em determinadas épocas e realidades. À religião é dada também uma função social, a de compreender a dimensão dos simbólicos, das crenças e convicções religiosas do humano, ou do aspecto do Transcendente, onde também se entende a própria constituição do indivíduo que sonha, deseja, espera e acredita.

No presente artigo colocaremos em pauta estas duas importantes instituições sociais – educação e religião –, entendendo-as como o campo e a condição concreta para o trabalho de Ensino Religioso. Neste sentido, como explicaremos, entendemos a educação como espaço fundamental para o desenvolvimento e a construção da cidadania e a religião como o terreno que caracteriza o fenômeno religioso que, neste momento, se configura em densas mudanças, articulações, combinações e (re)interpretações. Para isso, partindo de elementos concretos que caracterizam a educação e a religião no Brasil hoje, pontuaremos alguns desafios epistemológicos que se colocam para o componente curricular Ensino Religioso, bem como o papel que caberia ao professor nesse cenário.

Educação: fronteiras e horizontes no cenário brasileiro

A educação é o espaço onde se encontram diversos agentes transmissores e produtores de conhecimento. Tanto que para educar é preciso ter, e hoje mais do que nunca, ações pedagógicas concretas de atuação. No entanto, perguntas e respostas complexas exigem cada vez mais atuações atuais, incisivas, dinâmicas e criativas. Nesse aspecto, educação e religião têm em comum a compreensão e a inserção do indivíduo na realidade da vida e no sentido maior de existir, dando destaque à importância incondicional do humano de ser agente atuante e transformador do mundo.

O momento histórico atual é marcado por diversas e novas transformações. No que concerne ao campo da educação, as grandes mudanças estão se dando, sobretudo, pelas novas tecnologias. Esta é o meio que desvela a imensa produção e transmissão de informações e no qual a própria realidade se faz cada vez mais veloz. Este momento e condição exigem um redimensionamento dos universos do trabalho, da sociedade, da religião, da cultura, e conseqüentemente da educação. Segundo Severino (2000), “a educação é entendida como mediação básica na vida social de todas as comunidades humanas” e a mesma se encontra diretamente ligada às condições econômicas, políticas e socioculturais de seu tempo.

A sociedade do conhecimento (WEILER, 2006) vive um momento de inovação tecnológica, centrada na aprendizagem medida e mediatizada por múltiplos recursos e caracterizada pela utilização de novas técnicas. A educação faz parte dessas mudanças

no que concerne ao seu processo didático-pedagógico e metodológico de ensino, pois tais mudanças têm exigido um redimensionamento da função social de educar e do papel do professor.

A educação brasileira representa bem atualmente este momento de ruptura e de eliminação das antigas fronteiras na forma de educar, o que faz com que trate diretamente com perfis da pós-modernidade, ou que trazem características individualistas, produtivistas e consumistas. No entanto, entendemos que o que está em jogo e se coloca como causa é a busca por uma maior e crescente produtividade, competitividade e lucratividade, tendo em conta que é preciso atender à demanda dos mercados.

Esta realidade tecnológica e a necessidade produtiva atual acarretam consequências para todo o mundo e atingem profundamente a educação. A América Latina, por exemplo, ainda é fortemente marcada pela exclusão das condições básicas de vida e agora também por esta demanda tecnológica. Justamente porque se coloca na condição de adequação à economia global, contraria a maioria da sua população que ainda subsiste em condições precárias do básico para viver. O mesmo podemos dizer do Brasil, no que se refere ao quadro das desigualdades socioculturais e tecnológicas, que aparecem de forma bastante excludente e discriminatória.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que em de 2009 o nível de pobreza da infância e da adolescência era bastante elevado. Em 2008, 44,7% das crianças e adolescentes de até 17 anos viviam em situação de pobreza. Dos 7 aos 14 anos de idade, o acesso à escola havia sido universalizado em todos os níveis. No entanto, a frequência de adolescentes de 15 a 17 anos era de 78,4% nas famílias mais pobres, e 93,7% nas famílias mais ricas.

A educação está diretamente ligada às condições econômicas, sociais, políticas, religiosas e culturais de um país. No Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1995, das crianças de 7 a 14 anos de idade, 3% ainda trabalhavam e 6,8% não trabalhavam, mas também não estudavam. Enquanto que 10,5% estudavam e trabalhavam simultaneamente, totalizando no ano de 1995 um percentual de 79,7% da população desta faixa etária estudando. E de acordo com a PNAD de 2008, brasileiros maiores de 18 anos, na média geral, ainda não tinham concluído o ensino fundamental. E 60% das crianças de 5 a 13 anos faziam tarefas domésticas. Estes são dados que revelam que no passar dos anos a situação de

exploração infantil e o déficit educacional permanecem elevadas, o que é agravado pelas frágeis condições do próprio sistema de ensino brasileiro.

Apesar dos esforços do setor público, demonstrados ultimamente, e das políticas para a educação em nosso país, ainda se concentra atenção para a diminuição dos índices de evasão escolar e de repetência. Neste aspecto, o que se coloca em questão são dados numéricos e quantitativos, e não tanto a qualidade da educação, ou do ensino e aprendizagem. Encontramos hoje índices numéricos positivos¹ de acesso, mas o que qualifica a educação são investimentos públicos arrojados e destinados ao atendimento das muitas especificidades socioculturais locais e de uma nova realidade que é global, tanto dos alunos como dos professores.

A educação não pode ser feita como um mero procedimento mecânico de desenvolvimento de potencialidades e de maneira automática. Educação se faz num processo, com uma prática que é antes intencionalizada e orientada para um fim claro de construção de um conhecimento que seja libertador do indivíduo e transformador da realidade em que ele vive. É por isso que educação, como fenômeno humano, constitui-se em ferramenta fundamental para o desenvolvimento e para a construção da cidadania, tornando-se assim indispensável para a formação do indivíduo como ser social.

No momento atual, o que vem muito somar à educação é todo o arcabouço instrumental e o potencial espaço “sideral” das novas tecnologias. O facilitado acesso às informações tem se difundido e aumentado de maneira eficiente, e as novas tecnologias da informação e do conhecimento tornaram-se uma nova forma de sociabilidade, de pensar, de conviver, de trocar e de elaborar. Segundo Lèvy (1993, p. 27) “as relações entre os homens, o trabalho e a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos”.

A natureza universal do processo de globalização da sociedade contemporânea aparece como o promotor de uma ampla evolução tecnológica e de uma imensa velocidade, tanto na produção de novos conhecimentos, como no aumento da capacidade de armazenar e intercambiar informações. Presenciamos uma crescente velocidade e facilidade aos acessos virtuais e reais a todos os tipos de bens. No entanto,

¹ Em dezembro de 2010, o resultado do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) destacou o Brasil entre os três países que mais melhoraram o desempenho em leitura. Outras conquistas importantes foram alcançadas: em 1985, 20% dos brasileiros entre 10 e 14 anos eram analfabetos. Atualmente são 2,5%. O acesso à escola é de 97,6% dos jovens de 7 a 14 anos, contra 80,1% em 1980. (Fontes: PNAD 2009)

presenciamos, também, uma absurda exclusão de amplas parcelas das sociedades e populações que não podem, ou que são impedidas pela natureza do processo de globalização, de usufruir das vantagens deste momento de desenvolvimento da humanidade.

A atual condição pós-moderna se coloca mediante o estado mundial de globalização, ou de uma nova ordem e contexto cultural. As mudanças abrangentes e significativas no tecido social indicam a existência de mudanças reais que alteram e apontam para a ocorrência de discontinuidades do modelo de desenvolvimento que estava na base da sociedade industrial.

“A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor próprio. As grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instala-se a era do vazio, mas sem tragédia e sem apocalipse.”
(LIPOVETSKY e CHARLES, 2004, p. 23)

Enfim, já não há mais como desconsiderar esta pós-modernidade, pois as relações com o conhecimento, a forma de ensinar e de aprender, a maneira de pensar e de agir, de exercer a sociabilidade e de interagir têm sido permeadas pelo processo de globalização e pela tecnologia. Esta realidade digital, global, interativa, participativa e associativa leva não apenas ao uso dos novos equipamentos para a produção e apreensão do conhecimento, mas também a novos comportamentos de aprendizagem, novas racionalidades e a novos estímulos perceptivos. O desenvolvimento tecnológico constitui um contexto novo, um novo momento da história da humanidade, cenário rico e de diversificadas possibilidades para educar e para (com)viver.

É por isso que as novas tecnologias, o acesso às informações e a velocidade da comunicação criaram novos encaminhamentos para o ensino e aprendizagem,

desencadeando novos espaços também para o conhecimento. E, nesse contexto, representam novos desafios, já que o conhecimento tornou-se hoje o “grande capital” da humanidade e se faz condição básica para a sobrevivência dos indivíduos e dos grupos sociais.

Porque a educação, como informação constante e renovada, está sempre e permanentemente presente, facultando ao indivíduo todas as possibilidades para conhecer o mundo e a si próprio, que a globalização. No entanto, a globalização e a tecnologia, como uma realidade concreta, desafiam-na a se recriar de modo a incorporar positivamente todas as potencialidades que esta nova ordem nos traz e que, dependendo do uso que damos a ela, podem tanto ajudar na construção de um projeto para todos, quanto no agravamento das injustiças sociais ainda tão fortemente presentes em nosso mundo.

Religião: fronteiras e horizontes no cenário brasileiro

A perspectiva teórica que norteia as religiões no Brasil na atualidade caracteriza o campo religioso que, neste momento, se configura em densas mudanças, articulações, combinações e (re)interpretações, o que, a seu tempo, também é o que caracteriza o fenômeno religioso em nossa realidade.

O catolicismo dos tempos atuais, protestantes, pentecostais, a expansão dos neopentecostais, a flexibilização, o imenso “trânsito religioso”, os contatos com “os sagrados”, os esotéricos e o circuito neoesotérico, as transformações no campo espírita, as novas falas e atuações públicas dos candomblecistas e umbandistas, tudo isso compõe eixos temáticos atuais da religião no Brasil.

O campo religioso brasileiro nunca foi caracterizado, segundo estudiosos da religião, pela constituição de “fronteiras delimitadas e rígidas” em si, mas se caracteriza entre diversas e híbridas formas de crer e de ser religioso. As fronteiras, por exemplo, entre catolicismo e espiritismo constituíram as instituições religiosas vigentes hoje nas duas denominações e a própria cultura do universo das crenças do Brasil. O crescimento dos pentecostais, de 9% da população brasileira em 1990, para 15% em 2000, por exemplo, segundo dados do IBGE, mostra o quadro onde se estabeleceu o jeito de ser religioso e ao mesmo tempo o jeito de ser e fazer-se cidadão no Brasil.

O crescimento religioso de neopentecostais no Brasil nos últimos tempos também, por exemplo, implica numa nova forma de ação social, cultural e política, quer das organizações sociais e educacionais, quer das organizações religiosas. É possível constatar, com isso, que o decorrer do tempo demonstra que há mais encontros, mais flexibilidade, mais continuidades no cenário religioso brasileiro, do que rupturas ou mesmo negação do campo religioso. O próprio crescente e forte pentecostalismo é hoje mais uma opção no quadro das diversas formas de contato com o Sagrado que a sociedade brasileira instituiu.

Assim, a constatação da circulação, do múltiplo pertencimento e do intenso trânsito religioso dos brasileiros se configura, atualmente, como o processo de individualização da pessoa, mediante o evento da pós-modernidade. Pois é buscando-se a si mesmo, nos vínculos religiosos, que os indivíduos fazem a experimentação, e o resultado das diversas experiências religiosas se configura em múltiplos contatos com os "Sagrados". Há sim uma religiosidade brasileira própria e específica, e esta existe de forma "mixada", pois se configura a partir das várias ofertas presentes no "mercado religioso". Nesse aspecto, é possível captar e vivenciar tanto o "tradicional" como o "moderno", de modo que os crentes resignificam e relativizam o que esses "lugares" representam, dando origem a novas e variadas formas de ser católico, de ser evangélico e mesmo de ser "sem religião" na realidade brasileira atual.

Entendemos, com isso, que crenças, costumes, cultura e instituições religiosas no Brasil configuram uma perspectiva dialógica, onde, num contexto de mundialização², de busca e construção de uma "autodefesa", se instaura o individualismo crescente e uma multiplicidade de opções. No entanto, também é certo que o pluralismo religioso que se apresenta, se caracteriza mais pelo rompimento com um passado religioso familiar do que por uma renovação do campo religioso.

É por essa razão que a análise da vivência religiosa de jovens no Brasil hoje exige novos aportes teóricos, que podem ser dados a partir de pesquisas de campo reais e concretas. A pós-modernidade faz o jovem buscar uma forma de emancipação que, contemporaneamente na realidade brasileira, passa fortemente por vínculos religiosos.

² "O que é a mundialização? Mundialização pode ser caracterizada por sua multidimensionalidade (dimensão das trocas de bens e serviços, mobilidade da produção de bens e serviços e a circulação dos capitais financeiros). MICHALET, Charles-Albert. O que é a mundialização? São Paulo: Loyola, 2003, p. 238.

No entanto, é neste processo de autoafirmação da identidade juvenil que se dá também o processo de distanciamento de vínculos religiosos originários na família e, ainda que esse distanciamento seja apenas momentâneo, é onde se dá o hiato entre "tradição" e as novas possibilidades de escolha, vivência e de um leque de múltiplas opções.

Para a juventude brasileira atualmente, há algumas tendências latentes e evidentes que se fazem presentes nesta busca de constituir-se indivíduo e cidadão, e que podem ser totalmente verificáveis na organização do próprio cotidiano. Um exemplo disso é o intenso trânsito religioso, que é acompanhado de uma ampla abertura para novas combinações religiosas. Outra tendência percebida é o distanciamento de padrões religiosos familiares rígidos. Por fim, tem-se a possibilidade de experimentar e desenvolver uma religiosidade sem vínculos e obrigações institucionais obrigatórios. Porém, a busca de novas experiências religiosas no universo juvenil não significa estar livre dos aspectos do consumismo, do modismo, e até de uma certa alienação, fatores da pós-modernidade presentes na sociedade.

É evidente e se constata desta forma que educação e religião se configuram desde e para um contexto que é o social. Além disso, na busca de novas experiências religiosas, não se nega uma afirmação da ética, de engendração de ações sociais, a defesa da ecologia, o encampamento da diversidade e do pertencimento religioso como condição e espaços de agregação social.

Em geral, se parte de uma forma subjetivada e sem a necessidade do suporte institucional. Porém, a fidelidade religiosa como valor é atualizada, pois o Ethos da opção religiosa se comunica intrinsecamente com o Ethos da modernidade, onde o conceito de "verdade" e de "ético" é substituído pelo que "serve" no momento, pelo que dá um "prazer" imediato e "respostas" a situações momentâneas.

Há também uma nova forma de consciência religiosa marcada por um "consumismo" do religioso, por um cultivo do eu e por um movimento de busca de satisfação imediata. Esse universo e condições apresentam uma nova realidade de fragmentação e, ao mesmo tempo, de amplitude de horizontes.

As novas configurações do religioso mostram, dessa forma, um intenso poder de mobilização e de promoção de rotinas e estilos de vida, de construção de vínculos de grupos, também chamados de "comunidades de passagem", e de criação de valores e formas de sociabilidade para os que utilizam regularmente esses bens e serviços

"alternativos". Assim, se por um lado vemos a fragmentação que impede a formação de um estilo de vida permanente, de valores e padrões únicos de consumo, por outro vemos a diversidade de discursos, concepções e reelaborações como marca da pós-modernidade e como sintoma sociocultural atual da realidade brasileira.

Logo, a aproximação entre o Ethos da pós-modernidade e o Ethos da religião teria como consequência o crescimento e a oferta de uma diversidade e da pluralidade de manifestações, em detrimento das religiões institucionalizadas e, muitas vezes, engessadas para o cotidiano da vida. O que ainda se observa é que estas novas manifestações de crenças e tradições convivem com múltiplas religiões, sem lhes tomar o lugar e sem exigir de seus praticantes exclusividade. Outra característica destas novas elaborações do campo religioso na realidade brasileira atual é a aproximação com o universo acadêmico, da ciência, da política e a incorporação do discurso da religião na busca de uma legitimação e no fomento de crenças e práticas.

Enfim, a perspectiva atual refere-se à intensa valorização da experiência religiosa individual, que se comunica fundamentalmente com a influência dos discursos individualistas presentes na modernidade. Ou seja, no Brasil contemporâneo podem ser observadas variadas formas de experimentação do Sagrado. E as trocas que se configuram, características da mundialização, proporcionam a existência de novas formas de "ser religioso", com pertencimentos muito diferenciados. O panorama do momento atual serve para desmistificar visões, possibilitar aproximações e desenvolver conhecimento destas novas manifestações sociocultural-religiosas, que são reveladoras de uma nova forma de organizar e vivenciar o cotidiano da vida e de uma religião.

Educação e religião: cenário do Ensino Religioso

A religião, espaço de compreensão dos horizontes dos sentidos e dos significados do existir humano, instaura-se no processo de formação de uma sociedade, como um dos componentes de formação do indivíduo diante da coletividade. Assim como a educação lida com o aprendizado de códigos socioculturais, que servirão de ponte de integração e de inserção social, a religião lida com o aprendizado de códigos significantes, que servirão de conexão com o sentido que extrapola o cotidiano

Já em Platão (entre 427 a.C. e 347 a.C.) encontramos uma compreensão abrangente da educação na vida dos gregos por meio da ideia de Paideia,

“(…) a essência de toda a verdadeira educação ou Paideia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento.” (JAEGER, 1994, p. 147)

Paideia, nesse sentido, expressava a ideia e era entendida como uma educação ampla e integral, que englobava entre outros pontos a religião, como um eixo de atuação sobre os indivíduos. Havia uma sociedade com grande anseio e curiosidade, e que utilizava a razão como uma nova concepção para “ver” o mundo à sua volta. No entanto, era justamente no desenvolvimento do pensar, ou seja, do ato educativo, que os gregos, na figura de seus filósofos, repensavam a religião e seus elementos, com novas explicações para fenômenos, e com desenvolvimento das ciências, que proporcionaram avanços que repercutem até nossos dias.

Percebe-se que a relação educação e religião permeia desde há muito, senão desde sempre, a história da humanidade e, em conjunto, desenvolvem estruturas fundamentais que dão base de sustentação, transformação e significado para a diversidade dos grupos sociais nas suas especificidades e riquezas.

Desse modo, uma das relações mais imprescindíveis se dá entre religião e coesão social, por exemplo, pois partilhar de uma mesma crença, e de hábitos dela decorrentes, fortalece a vinculação nos grupos. E como a educação é, por excelência, o espaço no qual os adultos transmitem aos “neófitos”, usualmente às crianças e aos jovens, suas convicções, compreensões e modos de comportamento, então é através dela que os preceitos e entendimentos religiosos são passados. Em termos sociológicos, a grande importância da educação é assegurar a sobrevivência do grupo, que significa, grosso modo, a manutenção do “status quo”, mesmo que isso, como hoje, implique na formação de pessoas capazes de se formarem continuamente ao longo de toda a sua vida, porque a sociedade em que vivemos demanda, por pressões econômicas, essas habilidades.

Está nessa importância como elemento de “manutenção/coesão”, um aspecto fundamental da dupla educação-religião. Claro que, tomadas segundo outra perspectiva, ambas podem ser “subversivas”. Isso, no entanto, é a exceção na grande história da

humanidade. Talvez, aliás, seja justamente por essa chave de leitura que valha a pena uma reflexão aprofundada e séria sobre “Ensino Religioso”, para que essa disciplina não se preste à mera manutenção do “status quo”. Se queremos uma formação para a autonomia, a vida e a construção de um outro mundo possível (outro nome para ‘Reino de Deus’), então “educação”, “religião” e “Ensino Religioso” têm que ser diferentes dos usos e práticas tradicionais, que “catequizam”, “amoldam”, “apequenam”.

A grande importância da religião está no acontecimento concreto que conecta o ser humano com o universo do Sagrado. É certo que nos meandros das organizações se constituem poderes e que por muitas vezes se faz uso da conexão daquilo que é representação do religioso para subjugar. Há os que se arvoram em “intérpretes” e “responsáveis” diretos pelas mediações entre o universo do “Sagrado” e o universo da “Realidade” e, nesta relação estreita do “poder divino” com o “poder social”, atuam de forma direta e sem a delimitação que a própria função social coloca para cada um.

Portanto, podemos dizer que há um dado de coautoria entre educação e religião, no processo de organização e condução social, como também no processo de educar. No entanto, a responsabilidade que se coloca, tanto para a educação como para a religião, quando se trata da proximidade de organização social e religiosa, poderá redesenhar contornos, tanto de submissão como de conscientização dos indivíduos e dos grupos.

Enfim, educação e religião, aspectos reais e de grande importância da vida em sociedade, correspondem à perpetuação, à anulação ou à transformação das civilizações e que, por último, levam cada um a escolher um rumo, que se espera que seja o melhor a ser dado à própria vida, percebendo as finalidades e consequências do grupo social do qual se faz parte.

“O sujeito, a grande descoberta da modernidade, agora agoniza, manipulado pela simulação (do fingir ter o que não se tem) pelo simulacro (das imagens falsas e enganadoras, que impede o acesso à realidade e extermina o sentido das coisas). Mergulhado no universo onipresente do vídeo, das informações, do eletrônico, o humano vai assumindo a forma de puro código, um sujeito sem corpo, sem substância, (como Neo, personagem central do filme Matrix).” (QUEIROZ, 2006, p. 4)

No entanto, em um tempo de crise acerca do que se espera da educação formal e de constantes (re)criações religiosas, essas duas instituições se combinam na construção do cenário de uma humanidade em fase de reelaboração social e, por esta razão, em crise das identidades culturais, nacionais, étnicas e religiosas. Tal situação pode produzir sim diversas formas de violências e violações das mais variadas, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, pode, também, oferecer conforto, informação, conhecimento e prazer como consequência do desenvolvimento científico.

Desse modo, os desafios que se colocam para o educar hoje, na perspectiva daquilo que entendemos dos horizontes da educação e da religião, parecem oferecer balizas claras para a elaboração de propostas para o trabalho do componente curricular Ensino Religioso escolar. Está na própria condição pós-moderna uma demanda que cria condições para que o conhecimento, especificamente desenvolvido pelo Ensino Religioso, não seja algo restrito ao foro íntimo e menos ainda para a informação e o conhecimento de uma única visão religiosa.

Tudo isto exige que o Ensino Religioso tenha definido de forma clara sua função escolar específica, o que justifica estar na perspectiva de matriz curricular escolar, na qualidade de área do conhecimento e com todas as demandas que se fizerem necessárias para constituir-se componente curricular-pedagógico.

Desafios epistemológicos que se colocam para o Ensino Religioso

Diante do panorama atual, tanto a religião como a educação, expressões do tecido sociocultural, apresentam sintomas do impacto das transformações e das contradições decorrentes dos desafios e das promessas de um progresso contínuo e acelerado. Nesse contexto, torna-se clara a função pedagógica do Ensino Religioso, que, dentre outras coisas, deve nos ajudar a aprender a cuidar, promover e preservar as culturas locais, para que o avanço da tecnologia não as sufoque e acabe com as mesmas.

Os desafios epistemológicos que se apresentam à reflexão e práticas educacionais para o componente curricular de Ensino Religioso se colocam na perspectiva de que

“a religião deve ser considerada como um recurso cultural, cujos símbolos estão em grau de interpretar a nova realidade percebida pelos atores, sem que o uso da linguagem e dos símbolos deva necessariamente passar através das modalidades estabelecidas pelas religiões institucionais. (...) a perda da importância das comunidades tradicionais não resulta na insignificância dos símbolos religiosos, como haviam sustentado os expoentes da secularização, mas apenas no enfraquecimento das ligações entre as instituições eclesiais e os próprios símbolos. Isto explica o uso conflitante e polivalente de tais símbolos, adotados e livremente interpretados pelos cultos e seitas que aparecem em número cada vez maior nos anos 80, assim como pelos indivíduos”. (MARTELLI, 1995, p. 17)

Essa concepção cria uma contradição que tem implicações epistemológicas, do ponto de vista dos fundamentos teóricos dos estudos sobre religião, como também consequências metodológicas e didáticas para o componente curricular Ensino Religioso. Pois, de um lado, se coloca a possibilidade de considerar o fenômeno religioso em sua peculiaridade e globalidade, superando reducionismos e preconceitos e, de outro, o desafio para considerar a realidade institucional a fim de não cairmos no esvaziamento ético.

Neste aspecto, vale a pena retomar e ressaltar que a realidade é bastante paradoxal, ao apresentar-se como a sociedade promotora do desencantamento do mundo, fruto da iluminação feita pela racionalidade, ao mesmo tempo em que engendra também uma tendência de valorização da religião, criando as condições para que se possa tratá-la desde sua complexidade, até suas reais potencialidades de transformação/manutenção histórica.

Outra questão que se coloca é uma certa dificuldade com a pressão que a ampliação e a complexificação do conhecimento científico exerce sobre as áreas de conhecimento. Assim, é necessário (re)estabelecer um diálogo incessante e que configure diferentes conhecimentos escolares, objetivando articular teoria e prática, e desencadeando uma intencionalidade para a seleção de conteúdos, a construção de

métodos, estratégias e uma didática específica para o componente curricular Ensino Religioso.

Educação e religião, portanto, aspectos da comunicação e da informação, redesenham o perfil de uma outra sociedade que, no contexto da pós-modernidade, tem como recurso primordial a realidade atual do midiático. E, nesse aspecto, a própria dinâmica de transformação da realidade cria novas exigências para educar e tem hoje como necessidade o aprender permanente. Isso exige uma educação capaz de trabalhar com múltiplos olhares, que possibilite uma leitura que seja contemporânea, ou ao mesmo tempo que rápida e de conjunto, terá que contemplar sempre a realidade social, política, econômica e religiosa.

Por isso que é necessário familiarizar-se com múltiplas linguagens e, ao mesmo tempo, com o rigor das análises científicas, sendo capacitado e capacitando para o senso investigativo permanente, enfim adquirindo competências que se reconstituem no cotidiano. Daí, por exemplo, a importância do desenvolvimento de capacidades que busquem informações constantes, encaminhem situações-problema e adaptação às mudanças.

A educação, nesse sentido, se coloca no plano de um aprendizado que envolve o manejo de informações e de conhecimentos abstratos e a habilidade de lidar com grupos e atividades que sejam integradas com o cotidiano da vida. Deve ainda, a educação, possibilitar que o estudante aproprie-se criticamente das mudanças e das contradições que se apresentam e que tenha condições objetivas para o exercício de atividades que sejam produtivas.

No entanto, o “cuidado pedagógico” primordial precisa se dar e estar voltado para uma (re)produção sociocultural que seja integrada também ao simbólico dos indivíduos e dos grupos. Essa exigência propõe novas perspectivas à concepção de currículo escolar e, conseqüentemente, novos desafios teóricos e metodológicos, especialmente didáticos, uma vez que o maior desafio a ser colocado e tratado é o próprio (com)viver juntos na diversidade de expressões, de opiniões, de jeitos, de concepções.

Para isso, a diversificação e flexibilização dos conteúdos, no contexto de uma educação que seja integral, a articulação orgânica do ensino com a realidade, a trans e

interdisciplinaridade, o desenvolvimento de capacidades investigativas, a inclusão e a diversidade são questões *sine qua non* para esta realidade.

Quanto ao que se torna específico para o componente Ensino Religioso dentro de uma matriz curricular, efetivamente constatam-se, no momento, dificuldades com o que é conhecimento acadêmico para esta área. Daí a necessidade e a pertinência urgente de um programa de Ensino Religioso, articulado com os diferentes saberes científicos/acadêmicos, objetivando articular teoria e prática, e desencadeando a construção de métodos, estratégias e de uma didática específica para o componente curricular.

No ambiente escolar, as metodologias pautadas para o ensino e a aprendizagem se fundamentam nas ciências da educação e na pedagogia. E quando se trata de uma determinada área de conhecimento, as características epistemológicas, os objetos de estudo e as correspondentes linguagens, na perspectiva das ciências da educação, são o que constrói novos fundamentos teóricos e metodológicos para o ensino e a aprendizagem.

Colocam-se, assim, dois novos desafios epistemológicos fundamentais para a área de conhecimento Ensino Religioso. Um primeiro que é desenvolver bases conceituais para a constituição de um corpo teórico específico. E um segundo, o de desenvolver uma metodologia de ensino e de aprendizagem que articule as especificidades da área com suas exigências pedagógicas, com a diversidade dos universos simbólicos e com as linguagens da experiência religiosa.

Mas ainda, para além de todos esses desafios, parece-nos igualmente primordial considerar:

1. Que a condição de área de conhecimento e de componente curricular integre o projeto pedagógico da escola. Assim sendo, é necessário que o Ensino Religioso seja organizado em sequências didáticas de natureza interdisciplinar e tenha suas propostas de aulas, finalidades ou intencionalidade do ensino, objetivos, conteúdos, atividades, metodologias, estratégias, avaliação, materiais, bibliografia, mídias e demais fontes registradas e tornadas públicas na educação brasileira;

2. Trabalhar efetivamente o Ensino Religioso como componente curricular, fundamentado em uma área de conhecimento que dê conta de articular as experiências

religiosas, o conhecimento acumulado pelas tradições religiosas e as conquistas democráticas de um Estado Laico;

3. Desenvolver uma metodologia de ensino para o Ensino Religioso e que seja apropriada à natureza de seu objeto de estudo e objetivos de trabalho. Nesse aspecto, o imaginário, as representações e os universos simbólicos das tradições, da cultura e da religiosidade contemporâneas demandam valorização e o cuidado com as novas linguagens;

4. Tratar e articular religião e cultura, ou seja, constituir o espaço didático do Ensino Religioso, no qual a linguagem metafórica é a mediação entre o ambiente, o simbólico e o acadêmico, criando um espaço de desenvolvimento de habilidades cognitivas e relacionais que seja de reflexão sobre a vida, a dignidade da pessoa humana e a tolerância com as diferentes culturas, ideias, organizações, jeitos, opções. No aspecto da própria relação pedagógica, por exemplo, é necessário também tomar a perspectiva da reflexão dos valores essenciais à convivência humana;

5. Tratando-se de uma abordagem epistemológica socioconstrutivista, que a construção do conhecimento leve em consideração tanto o contexto histórico cultural dos educandos, como o seu estágio de desenvolvimento intelectual. Para isso é necessário considerar e partir do pressuposto de que educar é lidar com sujeitos ativos do processo de aprendizagem e que, neste procedimento, se dá a atribuição existencial de significados.

Nesse aspecto é necessário que, na perspectiva atual de ensino e aprendizagem, retomemos o papel do agente especializado em Ensino Religioso, o professor.

O papel do professor no trabalho do Ensino Religioso

A sociedade do conhecimento, as mudanças tecnológicas e as condições híbridas de vida no contexto atual têm redimensionado o papel do professor e exigido novas metodologias para o ensino e a aprendizagem. O professor passa a ser aquele que provoca, instiga e incentiva a busca do conhecimento. O conhecimento se coloca como a busca que vai até as fronteiras últimas e possíveis da ciência. No entanto, ele também extrapola a realidade, o concreto e penetra nos meandros do ser humano, entendendo-o também como ser simbólico.

Percebemos, por exemplo, que a condição pós-moderna, ao desenhar a face da contemporaneidade, produz um ambiente cultural pleno de contradições, no qual a educação é colocada em evidência e também sofre todo um processo de tecnologização, mercantilização e privatização. E as instituições religiosas tradicionais padecem de um esvaziamento que acaba inspirando certos fundamentalismos e o surgimento de novos e diversos movimentos religiosos.

A própria “velha nova” “separação/junção” Estado e Igreja, conquista estrutural da modernidade, perdeu este contorno e precisa ser redesenhada. Cria-se assim, com a pós-modernidade, o surgimento de espaços híbridos, nos quais novas ações, movimentos sociais e conquistas, também na educação e na religião, estão sendo forjadas, como é o caso do Ensino Religioso.

Portanto, o contexto da realidade deve ser o objeto de reflexão para ensinar e aprender e, por isso, também fazer parte de uma formação que seja permanente e contínua dos professores, a fim de que a prática pedagógica encontre novas metodologias e formas de desenvolver competências, e de modo a desencadear uma capacitação integral dos indivíduos, mediante os desafios do contexto da pós-modernidade, como vimos anteriormente. A tecnologia, por exemplo, nesse momento coloca para a prática pedagógica a exigência de uma aplicação concreta do uso das novas ferramentas e recursos.

E, para isso, o professor precisa se apropriar destas novas tecnologias, tanto para enfrentar a demanda, como para refletir sobre a ação pedagógica e fazer deste instrumental um recurso para o processo de construção do conhecimento. Precisa também, o professor, inteirar-se das novas tecnologias e aproveitar o potencial tecnológico com vistas a um ensino e a uma aprendizagem que sejam mais situados, criativos, autônomos, colaborativos, interativos e inclusivos. A função do professor

“... é a de organizar o ambiente de aprendizagem, escolher os recursos e softwares, realizar a intervenção pedagógica, quando necessária, reorganizar as atividades, ou seja, levar à auto-organização, interagindo, construindo, junto com os alunos, as situações e simulações”. (FARIA, 2004, p. 58)

Mas não é suficiente adquirir novas tecnologias, isso é mecânico, muito pouco, o que com o tempo serão apenas mais alguns instrumentais. Para que haja uma mudança fundamental, é necessário rever e recolocar no processo de ensino e aprendizagem o papel do professor, já que o educando é um indivíduo, um ser histórico ativo, real e situado, e as energias não podem estar centradas apenas no instrumental e na técnica.

O professor coloca-se, agora mais que nunca, no campo do desenvolvimento da consciência crítica, com vistas à construção de um conhecimento do ser humano, de suas elaborações e de seus processos de abertura ao outro, ao diferente e à “novidade” do cotidiano. O professor é o estimulador e o motivador do desenvolvimento da capacidade criativa, intelectual e da autonomia, a ponto de atingir os próprios objetivos, intencionalmente elaborados, através da participação e da colaboração.

É fato sim que a relação professor-aluno aparece na atualidade mediatizada pelo uso da tecnologia, mas poderá ser redimensionada por este novo papel do professor. Observa-se com clareza o rebento desta nova relação ao analisar as modalidades atuais de ensinar. Diz Weiler, que

“A utilização das novas tecnologias tornou possível a troca de informações através da participação em listas de discussão, do correio eletrônico ou em chat, que permite a conversa pelo computador. Pode-se observar o desenvolvimento de programas no ensino a distância, online, em que, através dos computadores, ocorre a comunicação do professor com o aluno, resultando que as classes virtuais formam cada vez mais alunos no ensino não presencial”. (2006, p. 3)

Entretanto, é necessário clareza e cuidado, pois o amplo e irrestrito acesso à informação constitui-se também em algo contraditório, podendo tanto contribuir para o conhecimento, como para trazer à tona uma outra ideologização.

“Se, por um lado, a educação pode contribuir para disfarçar, legitimando ideologicamente, [...] por outro, pode também desmascarar e aguçar a consciência dessas contradições,

contribuindo para sua superação no plano da realidade objetiva. Se a educação pode ser [...] um elemento fundamental na reprodução de determinado sistema social, ela pode ser também elemento gerador de novas formas de concepções de mundo, capazes de se contraporem à concepção de mundo dominante em determinado contexto sociocultural”. (SEVERINO, 1986, p. 96)

Portanto, a tecnologia pode facilitar muito, abrindo fronteiras nunca visitadas no processo de transmissão da informação e de aprendizado, desde que seja adequadamente escolhida e utilizada pelo professor-mediador.

No entanto, quem continua sendo o “instrumental” principal ainda é o professor, que precisa colocar-se como o gerenciador do processo de ensinar e de aprender. E necessita, para isso, ajudar a selecionar conhecimentos que sejam significativos, fazendo uso de tecnologias adequadas e apropriadas, provendo, assim, os fundamentos conectados com o cotidiano da vida, das elaborações religiosas e das ciências, necessários para a elaboração da dimensão dos simbólicos que dão sentido à vida.

Conclusão

As transformações ocorridas no campo do social, no cenário cultural e religioso e nas relações do econômico precisam ser pautadas pelo processo e desenvolvimento de uma educação que dê conta de contemplar o ser humano na sua totalidade.

A educação está diretamente relacionada com todas as condições que se colocam para o ser humano, dentre as quais está também suas “religiões”. É apenas através da educação que se podem construir pessoas e cidadãos de decisões, que tratem e coloquem o respeito à vida como condição primordial para o desenvolvimento humano.

O componente curricular Ensino Religioso, na perspectiva do currículo escolar, é a área de conhecimento que participa e compõe os aspectos de uma educação que se quer integral. O professor participa, tanto pela execução como pela própria composição, deste novo espaço criado pela pós-modernidade e suas tecnologias, e exerce a função social de ampliar os horizontes dos conhecimentos acadêmicos e de estabelecer

significação ao universo da religião e de todos os simbólicos que dão acesso a um sentido existencial transcendente para o ser humano.

Concluimos acenando que, mediante o cenário brasileiro da educação e da religião, coloca-se a necessidade de um campo de pesquisa em Ensino Religioso escolar, para que este contribua com a formação/preparação do trabalho docente, articule os conhecimentos específicos desta área e contribua efetivamente com conteúdos e metodologias que se integrem na condição de uma educação integral do indivíduo-cidadão.

Referenciais

FARIA, Elaine T. O professor e as novas tecnologias. In: ENRICONE, Délia (Org.). **Ser Professor**, 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 (p. 57-72).

IBGE, **Censo demográfico 1940/2000**. Até 1991, dados extraídos de: [Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007](#) no [Anuário Estatístico do Brasil 1994. Rio de Janeiro: IBGE, vol. 54, 1994](#).

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000 – Características gerais da população – resultados da amostra**. Rio de Janeiro, 2003.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico – Características gerais da população – resultados da amostra**, 2005. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/sintese_pnad2005.pdf

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios**, 2008. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina=1

IBGE, **Censo Demográfico – Características gerais da população – resultados da amostra**, 2009. Disponível em: http://www.ibge.com.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1476&id_pagina=1

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888-1961. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira, 3ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LÈVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. 3ª edição. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre a secularização e a Dessecularização**. Trad. Euclides Martins Balancin, São Paulo: Paulinas, 1995.

MICHALET, Charles-Albert. **O que é a mundialização?** São Paulo: Loyola, 2003.

MINISTÉRIO DA FAZENDA DA FAZENDA. PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: Fundação IBGE. **Tabulações Especiais da PNAD de 1995-1999**; Fundação Seade.

MINISTÉRIO DA FAZENDA DA FAZENDA. PNAD: **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/>

QUEIROZ, José J. **Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno: Linguagem e religião**. Revista de Estudos da Religião, nº 2/2006 pp1-23, INSS 16771222.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.

_____. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. In: **São Paulo em Perspectiva**. Vol.14, nº 2, São Paulo: Apr./June 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200010

WEILER, Lara. **A educação e a sociedade atual frente às novas tecnologias**. Disponível em: http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/L&C_1S_06/LaraL&C2006.pdf

Recebido: 18/03/2013

Received: 03/18/2013

Aprovado: 04/07/2013

Approved: 07/04/2013